Ano XIV — Lisboa, Dezembro de 1958 — N.º 164

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

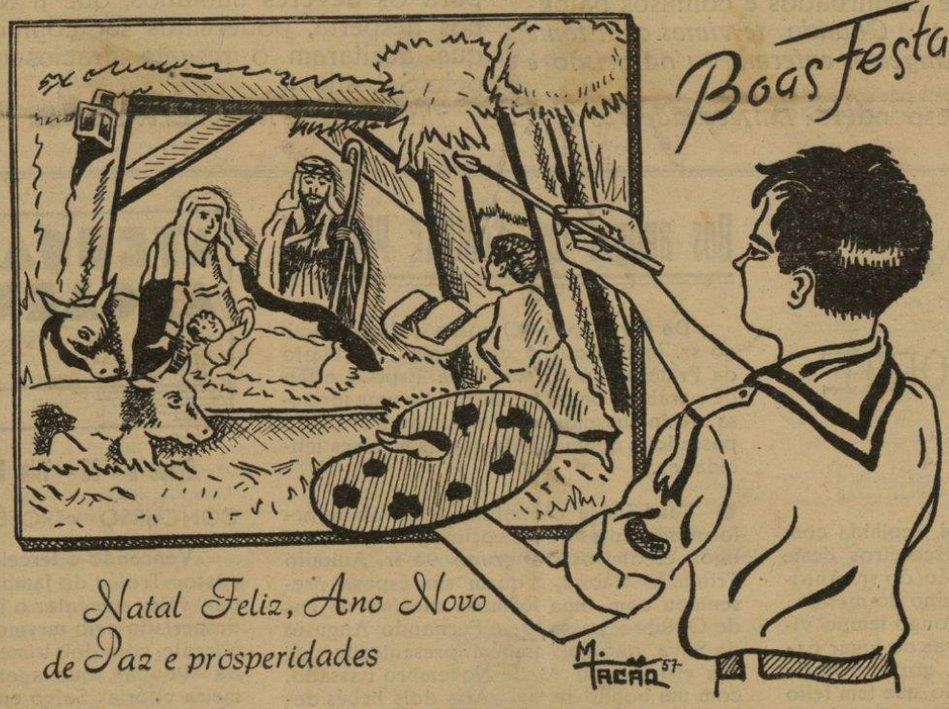
Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. de Vitorino de Freitas, 9 LISBOA — 3
TELEFONES: Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

NA NOITE DE NATAL

Naquela noite, em Belém de Judá, todas as portas se conservaram fechadas, indiferentes aos rogos ansiosos da Bendita Virgem, que, no mais respeitável momento da vida, buscava abrigo onde pudesse receber, em seus braços, o Menino, o Messias, Aquele que chegava para dar a vida em resgate de muitos. Todavia, tal como aconteceria noutra qualquer terra do orbe, não se encontrou ali, em transe tão difícil, uma única alma que sentísse compaixão de uma mãe amargurada, não tendo onde reclinar a cabeça. A maldade humana, mesmo nas mais comuns situações da vida, oferece aspectos de uma rudeza impressionante. Não ter havido alguém que abrigasse uma criatura em situação aflitiva, é circunstância que nos enche de vergonha na nossa qualidade de humanos e nos faz invejar os animais que puderam partilhar os seus modestos aposentos com o Salvador.



No entanto, embora o facto pareça insólito, analisado através do prisma da nossa mesquinhez, surge-nos com uma aparência de naturalidade que confrange. Quem batia às portas, solicitando encarecidamente hospitalidade, era peregrino. As estalagens estavam cheias, já que a afluência de viajantes, deslocados por força do édito de César, tornara as habitações disputadíssimas a preços especulativos, pois a ganância é velha como o homem. Restava o recurso de uma residência particular. Mas quem se atreveria a ceder o próprio lar — naquela época ou nos dias de hoje — a um pobre e desconhecido casal, demais numa situação que iria constituir sobrecarga horrível de trabalhos e preocupações?

É que os homens reservam os gestos generosos para o círculo restrito dos conhecidos, daqueles que os cortejam ou servem de dócil apoio para se alcandorarem em posições de prestígio ou exteriorizarem incontidas vaidades. A solidariedade só se manifesta se o seu exercício for recompensado pelo menos com benefícios de propaganda. Mas um pobre, um humilde, inteiramente desconhecido, receberia o benefício e desapareceria. Dele nada mais havia a esperar. E para os desconhecidos os homens não têm sequer um sorriso de simpatia ou uma saudação amiga. Jesus Cristo não encontrou tecto hospitaleiro, onde pudesse ecoar os seus primeiros vagidos, porque foi um desconhecido na Terra.

Schweitzer, esse grande génio vestido de humildade cristã, interrogado recentemente por uma jornalista acerca de como achava que seria Jesus Cristo recebido se aparecesse em nosso tempo, respondeu: — *Não seria compreendido por nós, absolutamente*. Os homens não compreendem Jesus Cristo — o desconhecido. Esta é a grande tragédia da hora actual. A humanidade canta hosanas e adora Cristo, entroniza-O, mas veste-O das suas próprias roupagens. É um Cristo transfigurado no cadinho das paixões humanas, frio, dogmático, intolerante, indiferente às grandes e pequenas injustiças, condescendendo com ricos e poderosos. O Cristo do Amor, que busca aflitos e oprimidos, aquele que desinteressado de dogmatismos resume a vida religiosa a dois únicos mandamentos — *Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos*, — esse é inteiramente estranho. Voltasse Ele corpòreamente à Terra a pregar humildade, perdão, amor dos inimigos, espírito de

(Conclui na página 2)

NA NOITE DE NATAL

(Conclusão da página 1)

serviço, hospitalidade para com os desconhecidos, e só não seria de novo crucificado porque esse suplício infamante, glorificado pela morte do Justo, perdeu todo o carácter vil. Tivesse Ele, novamente, a ousadia de reservar as únicas palavras duras caídas dos seus lábios para dardejar os muitos hipócritas e fariseus contemporâneos e, certamente, reservar-lhe-iam castigo mais afrontoso ainda, compatível com as surpreendentes conquistas do progresso.

* * *

Mas a Noite de Natal aproxima-se. Jesus Cristo vai nascer! De novo cruzará estradas poeirentas e caminhos difíceis deste mundo. Cuidado! Talvez ainda esta noite Ele bata à nossa porta. Fechar-lha-emos? Teremos coragem de dar abrigo a esse desconhecido que vem em busca do nosso Amor? Há vinte séculos, na pequena vila de Belém, muitos perderam a mais feliz oportunidade recusando receber Aquele que vinha em nome de Deus, exactamente porque O desconheciam.

Lágrimas de remorso verteremos no último dia se escutarmos da boca desse mesmo Desconhecido a trágica sentença: *Apartai-vos de mim malditos, porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, sendo estrangeiro, desconhecido, não me recolhestes, estando nu não me vestistes, enfermo e na prisão não me visitastes.* E se perturbados e confusos balbuciarmos ainda: *Senhor: Quando te vimos com fome ou com sede, ou estrangeiro, enfermo ou na prisão e não te servimos?*

Então o Senhor responderá: *Em verdade vos digo que quando o não fizestes a um pequenino, foi a mim que o não fizestes.* (1)

Mas se abrirmos os braços amigos aos desconhecidos que nos buscarem nas encruzilhadas da vida, então gozaremos o inefável prazer de escutar: *Vinde benditos de meu Pai possuir a herança que vos está preparada. Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era estrangeiro,* desconhecido, *e hospedastes-me* (1). Sim, só vivendo em toda a plenitude os imperativos de uma consciência desperta para os deveres humanos, que a Noite de Natal em nós desperta, poderemos ser contados entre aqueles que aceitaram o resgate graciosamente concedido pelo Salvador.

(1) Palavras de Jesus Cristo no Evangelho

MÁQUINAS DE ESCREVER SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS



QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA



GRUPO N.º 4

Chefia do Grupo — Foi acolhida com a maior satisfação pelos escoteiros deste Grupo a notícia da nomeação do sr. António Barbosa para Chefe Interino do mesmo. Este senhor, que desde há longo tempo vinha dando as melhores provas no lugar para que foi agora nomeado, goza no Norte da melhor simpatia por tudo que tem feito em prol do Grupo e dos seus escoteiros.

Um Nome... Uma Recompensa — Pelos relevantes serviços prestados ao Grupo n.º 4, foi o sr. Humberto Carvalho Barbosa distinguido pela Associação dos Escoteiros de Portugal com a Medalha «Lis de Agradecimento — Classe Prata». Os escoteiros do Grupo 4 e os seus dirigentes apresentaram àquele senhor as suas felicitações pela justa lembrança que lhe concederam, sendo premiado deste modo pelo esforço e labor que dispendeu em benefício do Grupo n.º 4.

Festa Escotista — Para fecho das actividades de verão, este Grupo realizou em 12 de Outubro o seu Acampamento de Encerramento, em Lordelo do Ouro. A festa de campo foi abrilhantada por inúmeras pessoas de família dos escoteiros, tendo prestado compromisso de honra o escoteiro Rui Aires Fernandes.

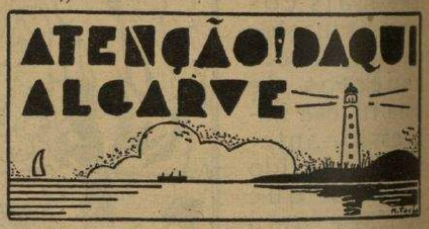
Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De Parabéns — O nosso dedicado amigo sr. José Dionísio dos Santos, secretário da Fraternal, e sua dedicada Esposa, estão de parabéns pelo nascimento de uma formosa menina nascida em meados de Novembro passado, a quem desejamos as maiores felicidades.

● Também se encontram de parabéns pelos nascimentos de seus primogénitos, os antigos escoteiros do grupo 94 sr. António Trindade Cabral, a quem sua esposa presenteou com uma formosa menina em fins de Outubro passado; e Fernando Augusto da Silva, que foi também presenteado por sua esposa, em 18 de Novembro passado, com um bonito rapaz. Aos dois bebés desejamos as maiores felicidades.

De Luto — O nosso estimado assinante sr. António Augusto de Campos, um antigo escoteiro residente em Alcobaça, muito conhecido dos antigos membros do movimento, encontra-se enlutado pelo falecimento de sua querida neta, Maria Isabel, uma jovem de 19 anos, golpe doloroso que muito sentimos.

● Também se encontra de luto o nosso dedicado assinante sr. Prof. Dr. Marcelo Caetano, pelo súbito falecimento, em 15 de Novembro passado, de seu sobrinho, arquitecto José Manuel Bastos Coelho, um jovem de 28 anos, diplomado com altas classificações pela Escola de Belas-Artes de Lisboa, um valor de quem muito havia a esperar, cuja personalidade se tinha já afirmado na curta actividade exercida. Ao nosso ilustre amigo expressamos o nosso muito pesar.



Grupo n.º 60 — Vila Real de St.º António

CONCURSO «TROFÉU DO JAMBORI»

Vencendo o terceiro trimestre do Concurso «Troféu do Jambori», a Patrulha «Poupa» veio aumentar o já grande entusiasmo despertado pelo mesmo. A «Lobo» continua à frente, com dois trimestres ganhos, seguida da «Poupa», que agora averbou a sua primeira vitória. Salvo empate, que seria derimido no trimestre imediato, o Concurso termina no fim do ano em curso.

Passeio de Estudo à Ribeira do Beliche

O Grupo deslocou-se de bicicleta na madrugada de 26 de Outubro, em passeio de estudo, à Ribeira do Beliche, a cerca de 15 quilómetros desta Vila.

De manhã, efectuou-se longa excursão pelas margens e leito da ribeira, que em grande parte se encontra seco em virtude da prolongada estiagem, apreciando-se a curiosa flora e a fauna do local. De tarde, os escoteiros do «60» realizaram diversos exercícios a contar para o Concurso «Troféu do Jambori», dos quais saiu vencedora a Patrulha «Águia», seguida da «Poupa» e da «Lobo».

Depois de visitarem ainda a aldeia do Azinhal, regressaram a Vila Real de Santo António onde chegaram ao fim da tarde. — *C.*

PARA ONDE VAI O ESCOTISMO?

Acerca do reparo do último número à atitude de certos indivíduos fardados de escoteiro que estiveram metidos numa taberna enquanto se realizava o acto inaugural de um grupo de escoteiros, temos alguns esclarecimentos a fazer.

Quando focamos atitudes desta natureza, não andámos à procura de um deslize para o apontar. O acto condenado é a expressão da decadência do espírito escoteiro do grupo apontado. Quando denunciamos essa irregularidade já calámos muitas outras. Pretendemos com a nossa atitude chamar a atenção dos responsáveis para o desprestígio que trazem ao Movimento, para que mudem de procedimento ou de *ofício*, e despertar aqueles a quem compete a disciplina.

Não somos movidos por qualquer antipatia para com a unidade posta em foco. Antes, pelo contrário, alimentamos a esperança de que o nosso reparo possa provocar uma reacção saudável nesses grupos.

Ora um dos grupos apontado nessa local era o «85». Trata-se de um grupo marítimo, que disfruta de uma posição privilegiada no movimento. O único grupo marítimo que temos em Lisboa. Todos desejamos que ele progrida e pratique uma actividade digna do Escotismo, pois é lamentável que o ramo marítimo se não desenvolva mais entre os Escoteiros de Portugal. Ao grupo 85 não escasseiam possibilidades materiais. Possui uma sede optimamente localizada e parece-nos que tem equipamento. Moralmente, porém, o grupo é um fracasso, visto que o seu dirigente tem declinado a chefia em ajudantes que não possuem as indispensáveis qualificações para o cargo e são investidos sem que a própria Direcção Central homologue as nomeações.

Temos, portanto, o maior interesse pelo progresso do 85 e por isso mesmo lamentamos que escoteiros e dirigentes não possuam a indispensável formação educativa e escoteira, que era justo esperar. Porque, devemos afirmar, por mais capacidade material que um grupo possua, isso nada valerá se não for um meio para FORMAR verdadeiros caracteres.

O Chefe do Grupo 85, o sr. Magalhães Ferraz, que foi comandante dos bombeiros voluntários, não quis compreender a nossa atitude e, por isso, escreveu-nos uma carta pondo em dúvida a nossa informação, exigindo que indicássemos os nossos informadores para deporem num processo que ia organizar e procurou amedrontrar-nos com ameaças de *procedimento legal*.

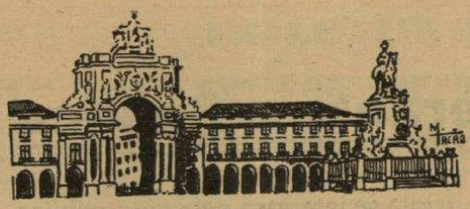
Tivemos de responder ao sr. Ferraz que o inquérito deveria ser feito exclusivamente através dos membros do seu grupo, especialmente do dirigente responsável. Que o que se diz neste jornal é da responsabilidade do Director, contra quem deveria proceder como quisesse, visto não recearmos as suas ridículas ameaças.

Quanto a pôr em dúvida a nossa informação, não será desconhecimento demasiado dos hábitos daqueles que estão sob as suas ordens?

* * *

Estava já esta notícia feita quando novo *feito* do «85» foi do nosso conhecimento. Numa visita à Exposição da Marinha, com alguns escoteiros uniformizados e muitos à paisana, os guardas expulsaram todos, de nada valendo terem evocado o nome de alta personalidade ligada ao Movimento. Certamente que se os responsáveis pela ordem naquela Exposição assim procederam, fortes razões teriam.

Este número foi visado pela Comissão de Censura



O ESCOTISMO NA CAPITAL

GRUPO N.º 10

Por ter emigrado para o Canadá o chefe Samuel Vieira, realizou-se na sede daquele grupo, em 20 de Setembro passado, a cerimónia de transferência de poderes e posse do novo chefe, o antigo Caminheiro José Fernando Relvas Pereira, que, como anunciámos, regressou recentemente de Goa, onde prestou serviço militar.

Nesta ocasião, o chefe cessante publicou uma ordem de serviço na qual louvou os escoteiros em exercício, e informou ter a Direcção Central, por proposta sua, resolvido galardoar com a «Medalha de Dedicação e Bons Serviços — Classe Prata» os caminheiros José Fernando Relvas Pereira e Eduardo Armando Pereira Balão; e com a «Medalha de Assiduidade — Classe Cobre» os caminheiros José de Jesus Ferreira e Francisco José de Aguiar Mendonça, e os escoteiros Fernando Martins Sanches, Fernando de Almeida Morais e Eurico de Jesus Augusto.

O chefe cessante foi também agraciado com a «Medalha de Mérito — Classe Ouro» pela Direcção Central.

«Sempre Pronto» saúda o Chefe Relvas Pereira, a quem deseja os melhores êxitos no desempenho da sua nova responsabilidade.

GRUPO N.º 94

No passado dia 26 de Outubro, na sede deste Grupo, realizou-se uma sessão para início do novo ano escotista, tendo feito Promessa como escoteiros os aspirantes Joaquim Campos Belo e Augusto Valério de Albuquerque. Passaram também à Divisão Escoteira os lobitos Daniel Tacão Monteiro e Carlos Craveiro Esteves.

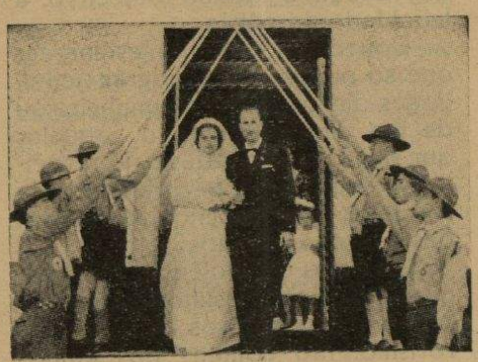
Em 22 de Novembro passado, escoteiros e lobitos visitaram a Exposição da Marinha Mercante, que despertou muito interesse nos rapazes.

DE ANGRA DO HEROÍSMO

GRUPO 52

CASAMENTO

Realizou o seu casamento no passado dia 7 de Setembro, na Ermida de S. Carlos, com a Sr.ª D. Fernanda Aldegundes Marques Teixeira, professora oficial, o sr. Norberto Barcelos Borba, dedicado Caminheiro do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal, de Angra do Heroísmo.



Junto à Ermida, foi prestada guarda-de-honra aos noivos, por uma representação de Escoteiros do Grupo 52, que, após o casamento, fizeram simbólica abóbada com varas.

«Sempre Pronto» apresenta aos noivos votos sinceros de muitas felicidades. — *C.*

Ciência e Paciência

PROBLEMA DIFÍCIL

Uma empresa de transportes internacionais possui 4 camiões e dispõe de 4.800 litros de gasolina. Cada camião pode levar um máximo de 1.200 litros. Podemos supor, para simplificar, que cada camião consome 1 litro por km. Cada veículo tem o seu motorista próprio.

Esta empresa está estabelecida em África, e o seu proprietário tem necessidade urgente de se dirigir a uma cidade que fica a uma distância de 2.500 km, sendo preciso atravessar uma região desértica, onde não há qualquer possibilidade de reabastecimento. Em caso de necessidade, poderá sacrificar a sua gasolina e abandonar viaturas na estrada, conquanto que chegue ao seu destino com um dos carros. Como deverá proceder? Devemos esclarecer que não há outros meios de comunicação e que o senhor sofre horrìvelmente do reumatismo e não pode andar a pé.

* * *

O presente é o último problema deste concurso. Começaremos uma nova série em Janeiro próximo. Para esta Secção, aceitaremos a colaboração dos nossos leitores que quiserem sugerir-nos problemas, embora peçamos que nos permitam a liberdade de lhes não dar publicação se não estiverem dentro da orientação seguida. Devemos dizer que damos a preferência aos problemas cuja solução dependa do raciocínio.

* * *

Solução do Problema de Novembro

As dimensões do parque de jogos eram de 40 × 30 m.

Acertaram na solução os seguintes concorrentes, tendo marcado os 5 pontos da regra: Srs. António Amêndoa, de Lisboa; José Alberto Figueira Guerreiro, António Norberto Sousa Cunha, de Faro; José Manuel de Jesus Fernandes, de Vila Real de Santo António; e José Cordeiro Teixeira, de Coimbra, a quem apresentamos as nossas felicitações.

Cartões de Boas-Festas

No formato de bilhete postal, usando a interessante gravura utilizada na primeira página do «Sempre Pronto», em cartolina branca, impressos a azul.

1 exemplar		$50
10	»	4$50
100	»	40$00

Pelo correio acresce o porte. Pedidos à Redacção do «Sempre Pronto».

Livros indispensáveis a todos os Dirigentes e Guias de Patrulha

De Baden-Powell:
ESCOTISMO PARA RAPAZES .. 20$00
De Roland Philipps:
O SISTEMA DE PATRULHAS... 5$00
Provas de 3.ª classe:
PARA SER ESCOTEIRO ..... 3$50
Provas de 2.ª classe:
SEMPRE PRONTO ..... 5$00

À VENDA
SERVIÇO DE MATERIAL E UNIFORMES DA A. E. P.
e na Redacção do «Sempre Pronto»

O CAMINHEIRO E A VIDA

O Caminheiro perante a Política

O problema foi-nos posto: «Poderá o Caminheiro participar na política?» A pergunta parece difícil e a resposta surge hesitante. Todavia, meditando no problema, apresenta-se simples e natural. Sòmente é necessário estremar campos.

O primeiro princípio que convém destacar, antes de entrar no estudo do assunto, é que o Escotismo, para ser reconhecido pelas outras associações de escoteiros e pelo Conselho Internacional, terá de ser absolutamente alheio a todas as questões políticas. Não há possibilidade de compromisso entre Escotismo e Política, seja esta de que natureza for. Os Estatutos da A. E. P. estabelecem no Art.º 3.º: *A A.E.P. respeita todas as confissões religiosas, contanto que elas não colidam com os intuitos morais do Escotismo, e é uma instituição alheia a partidarismos políticos, porque, educando dentro dos princípios políticos nacionais, não se associa a qualquer manifestação de carácter partidário.*

Estabelecida esta separação, será talvez interessante definir bem o que é política, não vá pensar-se que se trata de alguma coisa imoral, criminosa talvez. Política é a arte de governar um Estado. Maneira de conduzir os negócios de um país, de orientar as coisas públicas. É, portanto, uma actividade muito digna, do maior interesse para a vida nacional, carecendo de especialistas, homens que se debrucem sobre os problemas nacionais, os estudem e estabeleçam os sistemas que lhes pareçam mais eficientes para dirigir os interesses do país.

Acontece, porém, que nem todos os especialistas desta ciência optam pelos mesmos sistemas. Uns entendem mais eficiente um modo de governo, enquanto outros dão a preferência a outro método. Nascem assim os partidos, agrupamentos de indivíduos optando por este ou por aquele sistema.

Todos os cidadãos têm como seu grande dever interessar-se pela condução dos negócios públicos. Como, por vezes, é necessário consultar o país acerca dos indivíduos que devem reger a vida política da Nação, o Estado promove a realização de eleições, a fim de que os cidadãos escolham os seus chefes, o que implica quase sempre a escollha do sistema de governo. Todo o cidadão deve sentir-se obrigado a exercer o direito de voto, portanto, todo o bom patriota se interessa pela vida pública do seu país. A entrega do voto significa a sua contribuição para a política nacional.

Ora o Escotismo é alheio à política. Porém, o Caminheiro, ao atingir a maioridade, não pode nem deve abster-se da vida política da sua pátria. Não promete solenemente o Caminheiro *amar e servir a pátria?* Como poderá ele, então, desinteressar-se daquilo que diz respeito ao governo da mesma? Sòmente deverá separar as duas actividades. Na qualidade de Caminheiro não toma parte em actos políticos. Como cidadão exemlplar, que deve ser, exerce escrupulosamente os seus deveres cívicos.

E qual será a melhor política para um Caminheiro ou para um Antigo-Escoteiro? Aquela que melhor servir a Nação. Será o sentido do dever e a sua consciência que lhe ditarão a orientação política que deve tomar. Nunca um Caminheiro poderá ver na política um meio de satisfazer ambições ou interesses pessoais. Ainda aqui, será o Compromisso de Honra que indicará o Caminho.

Mas vai acontecer que uns Caminheiros perfilharão uma opinião política enquanto outros adoptarão princípios antagónicos. Não estarão assim prejudicados os ideais de Fraternidade? Nunca podem estar prejudicados os altos princípios de amizade do Escotismo. Esteja o Caminheiro em que posição estiver, podemos ter a certeza de que o seu desejo é servir a pátria. Respeitaremos, portanto, as suas convicções, embora continuemos a afirmar as nossas, na certeza de que, embora perfilhando convicções diferentes, procuramos todos atingir o mesmo objectivo, a felicidade da pátria.

Convém, no entanto, esclarecer que só podemos considerar actividades dignas de um Caminheiro ou de um Antigo-Escoteiro, aquelas que são caracterizadas pelo respeito da Lei, pelos altos princípios da lealdade, pelo respeito das liberdades e direitos alheios.

Os actos de violência de qualquer espécie, os insultos aos adversários, os criminosos actos de terrorismo, tão comuns nos nossos dias para atingir finalidades políticas, nunca poderão ser perfilhados por quem um dia tenha envergado o uniforme escoteiro.

A Política, para o Escoteiro ou para o Antigo-Escoteiro, nunca poderá ser outra coisa que não seja o AMOR E O SERVIÇO DA PÁTRIA, uma forma de auxiliar o semelhante. Convém meditar nestes pontos porque interessam à Vida, onde o Caminheiro começa a dar os primeiros passos.

LOBO VELHO

N. da R. — Gostaríamos de ver estes problemas discutidos pelos Caminheiros ou pelos Antigos-Escoteiros, desde que seja feito nos termos de abstenção total de partidarismos de harmonia com os princípios escoteiros. Trata-se de um problema cívico, em que importa educar a juventude, sem quebra da nossa neutralidade.

ACAMPAMENTOS INTERNACIONAIS

ACAMPAMENTO NACIONAL DA DINAMARCA

De 2 a 7 de Junho do próximo ano, comemorando o 50º aniversário da sua Associação, os Escoteiros da Dinamarca realizarão um Acampamento Nacional, perto da cidade de Ebeltoft, situada no extremo norte e este de Aarhus, na estação terminal do caminho de ferro. Esperam a participação de 8.000 escoteiros, tendo dirigido convite às associações irmãs para se fazerem representar.

Antes e depois do acampamento, aquela associação espera que os grupos de escoteiros dinamarqueses organizarão os habituais acampamentos de verão, nos quais poderão participar os escoteiros estrangeiros visitantes, aproveitando assim a oportunidade para mais de perto confraternizarem com os nacionais.

As despesas do campo, incluindo a alimentação por seis dias, serão de 35 coroas dinamarquesas, ou seja o equivalente a 140$00.

Os Escoteiros de Portugal receberam convite para este acampamento, pelo que todos os grupos interessados se devem dirigir ao nosso Secretário das Relações Internacionais.

INDABA 1960

Na Conferência Internacional realizada no Canadá em 1955, foi decidido que o III Indaba, acampamento internacional de Escoteiros-Chefes, se realizasse na Holanda, em 1960. Este Indaba está sendo organizado pelo Conselho Nacional do Escotismo Holandês, organismo que representa as duas associações nacionais.

Os organizadores esperam a participação de 600 visitantes, homens e senhoras, e gostariam de conhecer até 1 de Abril do próximo ano o número de participantes que cada associação tenciona enviar, bem como quaisquer sugestões que lhes queiram fazer àcerca da Conferência de Chefes que se realiza em cada Indaba, normas religiosas a observar e questões especiais de alimentação.

O Indaba será realizado no Campo Escola «Gilwell Ada's Hoeve» em Ommon, perto de Zwolle, na província de Overijssel. A despesa de campo será de 150 florins holandeses, cerca de 1.170 escudos, incluindo a alimentação de 2 até 11 de Agosto e uma excursão. Os participantes deverão levar as suas tendas e equipamento, mas os organizadores esperam poder dispensar acomodações para as senhoras Chefes.

Os participantes poderão tomar parte nos Cursos de Insígnia de Madeira, que se realizarão antes e depois do Indaba.

O programa do Indaba inclui, entre outras coisas, fogos de conselho, reunião de Gilwell, filmes, conferências, canções, actividades de campo, demonstrações, excursões, teatro, recepções, chás e mercado.

Os interessados deverão habilitar o nosso Secretário das Relações Internacionais com as informações necessárias.

BOLETIM DA

FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

RUA DE S. PAULO, 254, 1.º — Telef. 21353 — LISBOA 2

NOV.º-DEZ.º DE 1958

A FRATERNAL

Ao nosso Movimento, que procura agora desenvolver mais intensa actividade, está certamente reservado um promissor futuro. É que os Antigos Escoteiros, que são em Portugal talvez algumas dezenas de milhar, devem constituir uma apreciável força espiritual. O nosso objectivo é fomentar entre os «Antigos» a fidelidade aos ideais expressos na Promessa e na Lei do Escoteiro, e, como estamos espalhados pelos mais variados sectores de actividade nacional, levar a toda a parte a nossa contribuição social, num espírito de serviço, boa vontade, tolerância e respeito mútuo.

Para atingir estes tão elevados objectivos, a Fraternal procura conseguir, como primeiro passo, que nos conheçamos uns aos outros, para que possamos ser amigos, companheiros. É esta a grande razão dos nossos encontros, que começam a dar os primeiros frutos. Precisamos de trazer ao nosso convívio cada vez maior número de companheiros e alargar a todo o país, continental e ultramarino, este forte laço de fraternidade.

Uma das maneiras práticas de agregar os «Antigos» é a sua inscrição como sócios da Fraternal. A nossa quota mínima é limitada para que todos possam efectuar a sua inscrição. Precisamos de contar alguns milhares de associados e, presentemente, temos apenas poucas centenas. Esta é uma tarefa que cabe a cada um de nós. Angariar novos sócios, trazer novos membros à nossa Fraternal. A Direcção conta com a colaboração de todos num esforço conjunto. E, certamente, alcançaremos o nosso objectivo.

SEMPRE VAMOS AO ALGARVE...

Em 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro próximos, sábado e domingo, em plena época das amendoeiras em flor, a Fraternal irá ao Algarve visitar os antigos escoteiros da risonha província algarvia e, ao mesmo tempo, apreciar as incomparáveis belezas naturais da sua terra. O programa da visita é o seguinte:

Partida de Cacilhas, no sábado, dia 31, às 9 h. da manhã.

Passagem por Alcácer do Sal, Beja e Mértola, com paragem para almoço em Beja.

Visita a Vila Real de Santo António e ao Grupo de Escoteiros local, cerca das 5 horas da tarde.

Passagem por Tavira para apresentar cumprimentos aos Antigos Escoteiros e ao Grupo local.

Chegada a Faro cerca das 20 horas.

Instalação e Jantar.

Às 22 horas—Sessão de recepção.

Domingo — Manhã livre.

Almoço de Confraternização com os Antigos Escoteiros de todo o Algarve, às 12 horas.

Partida para Olhão às 15.30 horas. Visita à Vila e ao Grupo local.

Saída de Olhão e regresso a Lisboa às 16.30 horas, com uma pequena paragem no trajecto para refeição ligeira.

Chegada a Lisboa por volta das 23 horas.

Como o nosso Boletim só voltará a ser publicado em Fevereiro próximo, no princípio de Janeiro o «Sempre Pronto», cooperando com esta Fraternal, dará mais pormenores desta visita.

O custo da viagem será de Esc. — 120$00. A hospedagem em Faro será de conta dos excursionistas, mas procurar-se-á obter pensões económicas, podendo, no entanto, cada um escolher o alojamento que preferir.

INSCRIÇÃO IMEDIATA

Pagamento até 31 de Dezembro de 2/3 da viagem e de 1/3 restante até 31 de Janeiro. A viagem será feita em modernos autocarros. Es-

(Conclui na página seguinte)

Os Corpos Gerentes da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal apresentam a todos os associados votos de Boas Festas de Natal e um Ano Novo de Paz e Felicidade.

Noite do Grupo N.º 1

Conforme estava anunciado, realizou-se no dia 7 de Novembro, na nossa sede, a reunião dos Antigos Escoteiros do Grupo n.º 1. O salão nobre encontrava-se decorado com duas antigas bandeiras deste grupo, que foram testemunhas de muitos actos da vida do «Um», que enchem de merecido orgulho os seus antigos membros.

A reunião não foi muito concorrida, mas foi bastante agradável, tendo comparecido os srs. Rev. Eduardo Moreira, Cosme Vieira Leitão, Humberto Martins, António Gonçalves, Mário de Sousa e Joaquim Amâncio Salgueiro Jr.. Da Direcção da Fraternal encontravam-se os srs. Eduardo Quintino Pinheiro e José Dionísio dos Santos, bem como o sr. Eduardo Ribeiro, do Conselho Fiscal. Os srs. Júlio Trindade e Walter John Westwood, justificaram a sua ausência, o primeiro por motivo de doença e o segundo também por doença de pessoa de família. O Sr. Dr. Ernesto Moreira telegrafou das Caldas da Rainha.

O Rev. Eduardo Moreira dirigiu algumas palavras introdutórias falando «dos privilégios de ser o primeiro». Disse que os antigos escoteiros do primeiro grupo podem ter vaidade, no bom sentido da palavra, de terem sido os primeiros porque foram os desbravadores, os pioneiros, viram crescer com o seu grupo o Movimento em Portugal.

Disse ainda que o Escotismo nasceu numa associação cristã tolerante, que deu o ambiente ao Movimento e inspirou os princípios de tolerância, lealdade, respeito mútuo, combate à mentira.

Depois disto, os companheiros presentes apreciaram algumas fotografias antigas que foram trazidas pelo actual Chefe do Grupo 1, sr. Mário de Sousa, que serviram de motivo para recordar velhos amigos e companheiros. Algumas recordações evocadas pelo Rev. Moreira e a história do pintor Alberto Duran, com que ilustrou a virtude da fraternidade, serviram de agradável fundo a esta reunião.

Os presentes manifestaram, mais uma vez, a sua satisfação pelo êxito alcançado pelo Maestro António Gonçalves no concurso de Kerkrade, tendo este amigo relatado pormenores do seu extraordinário empreendimento.

TERTÚLIA

Foi um agradável encontro a Tertúlia do dia 24 de Novembro findo. Juntaram-se dezoito bons amigos, companheiros dedicados, que tomaram o seu habitual almoço em volta de uma mesa, sem presidência nem discursos, mas estabelecendo agradável colóquio. Compareceram os companheiros Alberto Brás, Aurélio Bravo, António Gonçalves, Capitolino F. Macedo, Rev. Eduardo Moreira, Eduardo Quintino Pinheiro, Eduardo Ribeiro, Dr. Eugénio H. Ramos, Fernando de Abreu Martins, Joel Ribeiro, José Joaquim Duarte Costa, Eng.º José Maria Nobre Santos, Luís Alves Miguel, Luís Simões Aurélio, Pedro Maria da C. Lopes, Renato Ferrão, Walter Westwood e Wolf Karl.

A iniciativa mereceu o mais franco aplauso não só de quantos compareceram, mas também de amigos que nos telefonaram a justificar a ausência e a afirmar que diligenciariam comparecer noutros encontros.

O PRÓXIMO ENCONTRO

Como o dia 23 seria muito perto do Natal, a próxima tertúlia será na sexta-feira, dia 19 de Dezembro corrente, das 12.30 às 14.30 horas, novamente no Restaurante Internacional, na Rua do Crucifixo, 27. Neste almoço não há ementa obrigatória, cada qual servir-se-á como entender, e poderá chegar à hora que lhe for possível.

Tome, portanto, o companheiro nota de que no dia 19, sexta-feira, poderá encontrar um grupo de companheiros no local citado. E, se puder, não falte, pois vai ser o último encontro do ano de 1958.

• • o • •

1.º DE DEZEMBRO

É já tradicional a presença da Fraternal no Monumento dos Restauradores, por ocasião do 1.º de Dezembro, a fim de colocar o seu ramo de flores. Este ano, porém, por motivo de força maior, não promoveremos este acto, do que damos conhecimento aos nossos consócios.

gotada a lotação do primeiro autocarro, só poderemos garantir outras inscrições desde que se obtenha adesões suficientes para completar a lotação de outros carros.

Inscrições já registadas

Srs.
2—Eduardo Quintino e Esposa
1—José Dionísio dos Santos
2—Ernesto Clímaco do Nascimento e Esposa
2 Prof. Aníbal Ramos e Esposa
3—Eduardo Ribeiro, Esposa e Filho
2 - Dr Eugénio H. Ramos e Esposa
3—Joel Ribeiro, Mãe e Irmã
2—Renato Ferrão e Esposa
2—José Rodrigues e Esposa
2—Eugénio Ribeiro Nunes e Esposa
1—Wolf Karl
2—Capitolino F. Macedo e Esposa

A Festa do Grupo 85

Este Grupo de Escoteiros do Ramo Marítimo teve a amabilidade de nos enviar convite para assistirmos a uma festa que realizaram na sua sede na noite de 8 de Outubro, festa essa dedicada especialmente à Fraternal.

Encontravam-se presentes deputações de outros grupos e membros das famílias dos escoteiros daquela unidade.

Em primeiro lugar, foi descerrado um quadro com fotografias referentes ao I Acampamento de Antigos Escoteiros, realizado em Carcavelos, em homenagem à Fraternal, após o que se seguiu o descerramento de uma fotografia do dirigente daquele grupo, o chefe Magalhães Ferraz, como agradecimento dos escoteiros a quem tanto tem trabalhado pelo desenvolvimento daquele grupo. Por último, foi também descerrada a fotografia do sr. Presidente da República, Almirante Américo Tomás, como testemunho de gratidão pelos muitos benefícios concedidos pelo Chefe do Estado àquele grupo, ainda quando sobraçava a pasta da Marinha.

Falou, então, o companheiro Magalhães Ferraz, saudando a Fraternal e referindo-se à amizade do «85» pelos antigos escoteiros, colocando os seus escoteiros à disposição da Fraternal. Teceu ainda algumas referências ao significado da festa e apresentou saudações às famílias dos escoteiros.

O nosso companheiro Quintino Pinheiro, vice-presidente da Fraternal, agradeceu as provas de amizade que o «85» sempre manifestara e ainda a honra que lhe foi dada ao ser convidado para descerrar a fotografia do ilustre Presidente da República, declarando que, sendo Portugal um país historicamente ligado à vida do mar, um país que através do mar «deu novos mundos ao mundo», tem na capital só um grupo de escoteiros marítimos, quando muitos mais deveriam existir. Terminou, dizendo que cabe ao grupo em festa a responsabilidade de simbolizar dentro do nosso movimento, os marinheiros de outrora, o que deve fazer com brio e dentro das boas normas do escotismo.

Por fim, foi servido aos escoteiros, famílias e demais convidados um «nariz de folha».

Em representação da Fraternal, estiveram presentes, além do vice-presidente, os companheiros J. Dionísio dos Santos e Ernesto Clímaco do Nascimento, também componentes da Direcção.

• • o • •

NOTÍCIAS DA SEDE

(Conclusão do último Boletim)

Entre as resoluções tomadas, destaca-se a da realização em Fevereiro do próximo ano de uma excursão ao Algarve, por ocasião das amendoeiras em flor, tendo sido incumbido da sua organização o companheiro Eduardo Ribeiro.

Foi também aprovado um voto de louvor ao nosso companheiro António Gonçalves pelo êxito obtido pela Banda do Montijo no Festival de Kerkrade, onde obteve o 2.º lugar, agrupamento musical de que este nosso companheiro é regente.

Aprovaram-se votos de agradecimento à Imprensa pela publicidade dada ao acampamento de Carcavelos, e aos Grupos de Escoteiros e à Comissão de Actividades dos Grupos de Lisboa pelo entusiasmo manifestado por esta iniciativa.

A comissão organizadora da Secção Campista apresentou um projecto do regulamento, assunto a que já nos referimos.

Foram admitidos seis novos sócios da Fraternal e foi devidamente apreciada a gentileza do Grupo 6 em deslocar ao Acampamento de Carcavelos dez dos seus escoteiros, sob a direcção do chefe Pina.

A sede passará a estar aberta às terças-feiras, sendo as sextas-feiras destinadas às reuniões das secções.

Vai a nossa Fraternal comparecer no próximo "Acampamento Int. de Amizade"?

Esta é uma pergunta a que só os nossos companheiros podem responder. Em Agosto de 1959, em Angers, França, vai realizar-se o II Acampamento Internacional de Amizade, no qual participarão os membros da «International Fellowship of Former Scouts and Guides, de que a nossa Fraternal é membro Fundador.

Ao mesmo tempo, efectuar-se-ão neste acampamento as jornadas de estudos internacionais, as quais têm por objectivo os fins consignados na Constituição ou sejam:

1. *Guardar vivo nas nossas próprias vidas o espírito da Promessa e da Lei do Escoteiro e da Guia.*
2. *Levar este mesmo espírito ao seio das comunidades nas quais vivemos e trabalhamos.*

Conforme afirmam os organizadores deste encontro internacional, ele constituirá uma excelente oportunidade de pôr em conjunto as nossas ideias e experiências para estudar a forma prática de atingir estes objectivos.

Nestas jornadas, serão apresentados estudos subordinados ao tema: «*O espírito escoteiro na profissão*». No próximo Boletim esperamos poder inserir um questionário com diversas perguntas concernentes a este tema.

Até lá, gostaríamos de saber se os nossos Companheiros estariam interessados em participar neste II Acampamento. Agradecíamos, portanto, que nos dessem sugestões acerca deste assunto.

• • o • •

Noite do Grupo N.º 2

A segunda noite, que será dedicada aos «antigos» do Grupo n.º 2, vai realizar-se também na sede da Fraternal às 21.30 horas de 12 de Dezembro corrente.

Para esta reunião são convidados com o maior interesse todos os antigos membros do Grupo 2, pedindo-se a todos que possuam fotografias antigas para se fazerem acompanhar das mesmas.

Vai ser convidado um dos mais ilustres antigos membros do Grupo 2, para dirigir algumas palavras introdutórias. Vai também ser pedida a colaboração do actual Chefe do «2» para dispensar algumas recordações para essa noite.

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

VII

Depois da longa viagem que fizemos através dos séculos, apesar disso forçosamente resumida e omissa em muitos pontos, resta-nos concluir colhendo uma lição de todas estas manifestações de intolerância que os tempos têm testemunhado.

Enganava-se Rousseau quando supunha que o homem nasce bom e só a sociedade o corrompe, como se enganava também Vítor Hugo ao criar o seu João Valjean, corrompido pela organização social do seu tempo.

A quem se detiver a observar as crianças, desde a mais tenra idade, não escaparão os fenómenos que a muitos passam despercebidos e revelam os instintos malévolos do ser humano. Um bebé de colo deleita-se, muitas vezes, a morder o peito que lhe dá a vida, e, quando mais crescido, sente prazer em torturar os animais domésticos com quem convive, ou os irmãos mais novos com quem brinça.

Já na adolescência é ver como tantos agridem camaradas por motivos fúteis ou mesmo pelo simples gosto de mostrar a sua superioridade física sobre os companheiros. O recurso ao pontapé, ao murro ou à canelada são cenas que todos os dias testemunham os que lidam de perto com rapazes. E ainda hoje, sobretudo em Coimbra, as chamadas «praxes» académicas deixam entrever a ferocidade que teriam revestido nos tempos do famoso «canelão» e de toda a série de bárbaros castigos infligidos aos pobres «caloiros».

Apesar de se terem sumido na noite dos tempos os nossos antepassados de Neanderthal e do Cro-Magnon, esses homens de maxilares salientes a denotar a ferocidade do primata bronco e rude, a nossa Animalidade está ainda demasiado próxima de nós para podermos confiar em absoluto no nosso auto-aperfeiçoamento, se a Educação ao serviço da Inteligência, numa devotada missão de elevação espiritual do Homem, não se esforçar por o conduzir à sua Humanidade, matando dentro dele definitivamente os últimos resquícios do antropóide ultramilenário.

A intolerância é, antes de tudo o mais, resultante do obscurecimento da inteligência, que urge combater por meio duma campanha intensiva de clarificação mental. Não se argumente afirmando que grandes pensadores foram intolerantes e que, por exemplo, durante a questão Dreyfus, alguns dos nomes mais ilustres da intelectualidade francesa do fim do século passado eram decididamente anti-dreyfusistas, como Maurício Barrés, Leão Daudet, Carlos Maurras e Henrique Rochefort. É que a inteligência, ainda a mais lúcida, pode sofrer colapsos, mais ou menos prolongados. Superiormente inteligentes eram o P.e José Agostinho de Macedo e o arcebispo D. Frei Fortunato de S. Boaventura; nem por isso deixaram de descer ao ponto de preconizarem a forca, o cacete ou o punhal para todos os liberais que se negassem a aceitar a ditadura plebeia do reinado de D. Miguel.

É que algo mais se requer no homem além da inteligência para que esta lhe possa nortear a vida no caminho da sociabilidade, sem o que toda a nação organizada é impossível: e isso é a cultura, não essa cultura bastarda que causa o pasmo de tanta gente portuguesa e consiste no armazenamento de factos miúdos, para fazer espantar os espíritos simples, mas a sã cultura que resulta da aplicação do bom senso às normas da vida e leva o homem pelo caminho do dever.

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial são três facetas diferentes do mesmo mal, que se traduz por uma só palavra: intolerância.

Longe teríamos que ir para determinar as causas remotas do espírito de intolerância que tantas vítimas causou desde o fundo das idades, sobretudo por serem múltiplas e de variada ordem: religiosas, económicas, políticas, que, por paradoxal que pareça, se vão multiplicando à medida que a civilização progride.

Quando na caverna primitiva, um homem agredia ou matava outro por este não lhe ceder uma parte da presa feita em luta contra outros, era já o germen do espírito de intolerância a determinante do seu acto criminoso. Perante a razão clara que avalia, compara e pesa os actos dos homens, tão odiosa é essa morte ocorrida nos tempos da prehistória, como a queima de Savonarola, de Giodano Bruno ou dos pobres «marranos», a destruição de Babilónia, o saque de Bizâncio, a queima de Ledice ou os bombardeamentos de Londres.

Argumentaram alguns que a intolerância é fruto duma fé viva e que sem fé não pode o homem viver. Se se sente viva dentro de si uma

(Conclui na página 6)

AINDA BEM QUE FOI "GRALHA"...

Os nossos leitores talvez estejam recordados de uma local que inserimos no penúltimo número sob a epígrafe «Incrível...». Pois tínhamos razão quando considerávamos incrível a afirmação feita no jornal «Escutismo». Mas vamos dar a palavra àquele periódico, transcrevendo o que diz no seu número de Novembro:

«No jornal «Sempre Pronto», no número último, referente aos meses de Setembro e Outubro, faz-se justo reparo a uma local saída no número de Agosto, intitulada «Santa Cruzada» em que, não se sabe como, se forjou na tipografia, onde o «Escutismo» é impresso, uma gralha infeliz que atraiçou por completo o sentido que se quis dar ao referirem-se os países nórdicos.

«O corpo redactorial está para saber como de «*longínquos* países protestantes», saiu sinistros países protestantes.

«Fez-se dura censura à Tipografia e a rectificação não foi feita antes, porque dadas as férias, o original do último número ter dado entrada na mesma tipografia antes de sair o antepenúltimo.

«Agradecemos o reparo feito no «Sempre Pronto», pois pensamos de igual modo, salientando, porém, que E. R. se excedeu, na apreciação que entendeu fazer à pessoa que julgou ser o autor da local, e, pior ainda, ao pluralizar a estranha apreciação, que nos pareceu nada escutista, nem dedutiva das razões que a originaram.

«Quis parecer-nos que a gralha de «Escutismo» deu motivo a duvidoso desabafo...».

P. J.

Eis, na íntegra, a explicação dada. E nada mais diríamos se P. J. tem limitado as suas considerações aos três primeiros períodos, porque *se deve confiar na palavra de um escoteiro*. Aceitamos pois que foi «gralha» e apraz-nos registar a concordância com o nosso apreço para com as admiráveis nações nórdicas. Sòmente não estamos de acordo com a *dura censura* à Tipografia. Que culpa teria o tipógrafo do engano! Talvez a palavra não estivesse escrita com clareza. Se *sinistros países* é afirmação incrível, *longínquos países* é expressão imprópria. Os países citados, se não são vizinhos, são aqui da Europa e seriam longínquos se estivessem em distante continente. Mais culpa terá o revisor que achou a expressão certa e a sua sensibilidade não foi chocada com a injustiça. Se o revisor for do jornal continua a ser a este que cabe a *dura censura* dirigida à tipografia.

Mas «Escutismo» preferiu *fazer o mal e a caramunfia*. Censurou a Tipografia, agradeceu-nos o reparo, mas depois censurou-nos também injustamente. Ora os nossos comentários têm a sua razão de ser na gravidade da injúria feita. Se a afirmação foi involuntária, a nossa indignação deixa de ter razão de existir. Acha, no entanto, P. J. que nos excedemos na apreciação que entendemos fazer à pessoa que julgámos ser o autor da local. Mas nós dissemos *que nos parecia* que o Director de «Escutismo» era um sacerdote, com o Curso de Insígnia de Madeira, portanto, competente e pessoa de responsabilidade. Excedemo-nos na apreciação? Julgamos que não, seja «Escutismo» quem o afirme.

Pluralizámos a estranha apreciação? Estranha porquê? Se não nos dissessem que foi uma «gralha» nada teríamos a corrigir na benevolente apreciação feita. Pluralizámos, sim, porque nos referimos a todos aqueles que em «Escutismo», escrevendo ou fazendo a revisão, consentiram na injúria feita aos nossos irmãos dos países nórdicos. Parece-nos bastante escoteiro defender a justiça, não acha assim, P. J.?

Dedutiva não foi, de facto, a nossa

(Conclui na página 6)

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

(*Conclusão da página 5*)

fé ardente num princípio ou num ideal, toda a contradição a um ou outro terá como consequência uma reacção que será forçosamente intolerante. Quando os homens e os povos não confiam nos ideais que lhes nortearam a vida, estão condenados à morte ou à servidão. Quando um povo deixa de crer nos seus destinos, decai e fica à mercê de outro mais forte, que lhe impõe a sua tutela para todo o sempre.

Esta é a argumentação. Reputamo-la, porém, especiosa e falsa, por pretender-se com ela, ocultando certas premissas, justificar actos absolutamente antagónicos das normas por que devem reger-se as sociedades civilizadas.

O homem é um animal social, é o animal social por excelência, porque embora as abelhas também o sejam, na sociedade destas não há nem pode haver progresso: é uma sociedade estática, em que os mesmos actos se repetem desde o fundo dos séculos e continuarão a repetir-se obedecendo às mesmas normas até ao fim das idades.

Com as sociedades humanas não se dá, não pode dar-se o mesmo, pois que o homem é o *único* animal que traz dentro de si em potência a sua perfectibilidade individual, que gera, por sua vez, a perfectibilidade social.

Sendo animal social, não pode, evidentemente, aceitar como bons princípios que tendem exactamente a destruir todo o convívio em sociedade. E os erros cujos efeitos descrevemos em resumo até hoje são essencialmente antisociais, porque visam a negar o acesso de minorias consideradas inferiores ao convívio com as maiorias, simplesmente por preconceitos resultantes de defeito de visão ou incultura.

Não vamos invocar, mais uma vez, os preceitos evangélicos ou as doutrinas dos filósofos que, desde a Antiguidade clássica, preconizaram a fraternização dos povos. À luz da razão a intolerância—religiosa, política ou social — é um preconceito que, como todos os preconceitos, urge extirpar.

Para o homem poder erguer a cidade ideal a que aspira a civilização moderna, torna-se necessário que cada um de nós possua uma personalidade sã e forte, porque, escreveu-o ainda recentemente o Prof. Arnold M. Rose, «tudo o que contribui para formar personalidades sãs e fortes diminui os preconceitos». Não tem personalidade forte o que se deixa dominar pelo histerismo do preconceito. O histerismo é um estado mórbido, que pode ser passageiro ou crónico. Para o extirpar é necessário dar robustez ao espírito, porque espíritos robustos não podem albergar gérmenes malsãos. Portanto, o que se impõe *in limine* é a reforma moral, já preconizada pelo grande Antero de Quental há mais de 80 anos.

Entre nós, Portugueses, domina ainda uma ancestralidade intolerante, que não nos dignifica como povo criador de povos. As páginas da nossa história estão cheias de manchas, que bem desejaríamos pudéssemos hoje resgatar por actos de sólido construtivismo no sentido educativo. Infelizmente a cada passo se revela a persistência teimosa do mal secular, que na nossa época atinge uma acuidade que causa apreensões aos espíritos atentos ao fenómeno político-social.

Cremos que só a educação é capaz de modificar a índole dum povo. Mas para alcançar esse objectivo os programas educativos não devem ter por escopo exaltar ideais do passado que fizeram o seu tempo, nem tão pouco apontar às gerações novas como ideal a seguir homens de manifesta intolerância, mas sim procurar varrer dos espíritos juvenis tudo o que possa considerar-se gérmenes nocivos e antisociais, por levarem à luta e à guerra, sobrevivência duma ancestralidade animalesca que hoje nos envergonha.

É preciso que a Cidade do Futuro seja aquela em que todos os homens, todos os povos fraternizem e comunguem nos mesmos ideais de vida nobre e sã, e que por toda a parte o ideal de colaboração informe o seu espírito. Para trás deve ficar tudo aquilo que enegrece as páginas da história universal. Caminhem os homens para o futuro de fronte erguida e olhos bem abertos na busca de felicidade. Mas não esqueçam que outros também a buscam com tantos direitos como eles, e que nem todos sentem forças para a alcançar. Que cada um se curve sobre os fracos para os ajudar na sua marcha e que todos juntos caminhem na estrada da Vida, de mãos dadas e entoando o hino da Fraternidade Universal.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

DOS AÇORES

GRUPO N.º 52 — ANGRA DO HEROÍSMO

Acampamento — De 7 a 10 de Junho passado, este Grupo realizou um acampamento no Monte Brasil, que serviu para comemorar o Dia de Portugal. Na noite de sábado, houve velada na Ermida de Santo António, onde os aspirantes estiveram em meditação sobre o significado do seu ingresso no Escotismo.

No Domingo, na mesma Ermida, realizou-se a cerimónia do compromisso de honra de 8 novos escoteiros e 2 caminheiros. Seguiu-se a Missa, celebrada pelo Rev. Dr. F. Caetano Tomaz, iluste professor do Seminário Diocesano. Ao Evangelho, o oficiante proferiu uma vibrante e apropriada alocução e fez o elogio do Escotismo.

Seguiu-se um abundante lanche oferecido pelos escoteiros a suas madrinhas e famílias, na histórica Casa do Regalo, que foi residência de verão dos governadores do Castelo de S João Baptista e que serviu também de residência ao infeliz rei D. Afonso VI, durante o seu exílio.

Tomou parte neste acampamento o chefe americano F. Pfingsten, grande amigo dos escoteiros portugueses, que partiu dias depois para os Estados Unidos.

Confraternização Luso-Americana — O Chefe Moniz Silva fez uma palestra dedicada aos lobitos americanos da Base das Lajes, tendo-lhes falado acerca dos descobrimentos portugueses e da história da Ilha Terceira, por ocasião da reunião mensal da Alcateia, em 3 Junho passado.

Em 21 e 22 de Junho passado, no Monte Brasil, realizou-se um acampamento de confraternização entre escoteiros americanos e portugueses, tendo sido visitada a Fortaleza de S. João Baptista, cuja história foi evocada pelo Chefe do 52. No domingo de manhã, houve serviços religiosos, católico e evangélico, tomando parte no primeiro escoteiros das duas nações, e no segundo americanos.

No jantar anual de Pai e Filho (Father-son banquet) o chefe do 52 falou aos escoteiros americanos e suas famílias sobre a história açoreana e descobrimentos dos Portugueses.

Actividades de Patrulha — Em 15 de Junho, a patrulha Galo realizou um bivaque. A 6 de Julho, a mesma patrulha e a Andorinha realizaram um passeio de exploração ao caminho do Cabrito, atravessando a Serra do Morião e a Caldeira de Guilherme Moniz. Atravessaram algumas furnas de água, exercício que tiveram de repetir a pedido de turistas estrangeiros. — *C.*

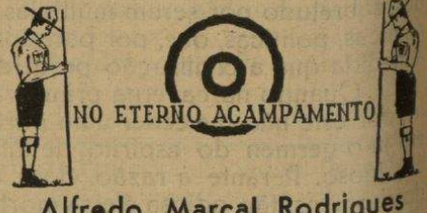
AINDA BEM QUE FOI "GRALHA"...

(*Conclusão da página 5*)

apreciação. Não éramos capazes de *deduzir* que o Autor teria querido escrever *longínquos países* e não *sinistros*.

Quanto à «gralha» ter dado motivo para *duvidoso desabafo*..., devemos dizer... Não! Não dizemos nada. É capaz de ser «gralha»...

E. R.



Alfredo Marçal Rodrigues

Em 31 de Outubro passado, faleceu em Lisboa este nosso estimado assinante, que foi escoteiro do Grupo n.º 2, e era membro da Fraternal dos Antigos-Escoteiros.

«Sempre Pronto» apresenta condolências sentidas a sua viúva, sr.ª D. Natália Bragança da Costa Rodrigues e a toda a família enlutada.

PROVAS DE 1.ª CLASSE

O CORPO HUMANO

pelo Esc.-Chefe ANÍBAL RAMOS
Professor de Educação Física (I. N. E. F.)

13—*Noções elementares sobre o corpo humano.*

II
DESCRIÇÃO
(Continuação)

A digestão

Dissemos no início desta prova de classe que a máquina humana diferia inteiramente da mecânica por, entre outros importantíssimos aspectos, possuir o privilégio de se fornecer ela própria do combustível necessário à sua elaboração tanto material como psíquica, se reparar continuamente do desgaste imposto pelas actividades inerentes à existência, modificar incessantemente a sua forma corporal e faculdades mentais, chegando mesmo à suprema perfeição de conseguir reproduzir-se.

Ora todas estas maravilhosas propriedades, de importância tão vital como a luz solar, devemo-las especialmente aos alimentos que assimilamos. Neles incluímos os gasosos como o oxigénio, os líquidos como a água e os sólidos fàcilmente identificados por todos nós.

Pode mesmo dizer-se que eles constituem a própria origem, evolução e conservação dos nossos ossos e carne, sangue e nervos, inteligência e acção, amor e saudade. E, também por igual, causa de doença e de saúde. Tudo depende, é claro, da selecção efectuada na sua escolha, modo de os cozinhar e, sobretudo, da conduta que mantivermos durante as refeições e após elas.

Porque a composição dos tecidos animais e vegetais com que nos alimentamos, difere grandemente da do nosso corpo, só depois de sofrerem profundas modificações é que eles ficam aptos a poderem ser assimilados. Essas modificações realizam-se no aparelho digestivo que, por processos assaz complexos, transformam os alimentos em substâncias de composição química idêntica às das células onde são incorporadas, operação esta conhecida por digestão.

Nem todos os alimentos têm a mesma utilidade. Uns estimulam o crescimento e funcionam como recuperadores do desgaste continuamente produzido nos órgãos, pelas actividades inerentes à vida. Outros fornecem o calor, digamos o combustível que alimenta a máquina humana e lhe permite exercer a sua acção. Ainda ficamos devendo a outros a importantíssima missão de reguladores da saúde, visto condicionarem a constituição de toda a matéria viva.

Conforme as suas afinidades químicas e funções que exercem, assim eles se agrupam em classes, das quais destacamos, como principais, as constituídas, respectivamente, por proteínas, hidratos de carbono, gorduras, minerais e vitaminas. Além destas, ainda destacaremos a água, por ser, talvez, a mais valiosa.

Ela exerce, sob todos os aspectos, função tão importante que pode afirmar-se categòricamente não existir vida onde não houver água.

Ficamos desde já sabendo, embora de modo figurado, que ao saudarmos, com o merecido respeito, o digníssimo representante máximo do movimento escotista nacional, na pessoa do seu Escoteiro-Chefe-Geral, curvamo-nos perante o peso enorme de quarenta e quatro quilos de água aproximadamente. O mesmo se passa perante qualquer homem, por muito respeitável que seja, se ele pesar cerca de 75 quilogramas.

Por outras palavras: segundo alguns autores, cinquenta e nove por cento e segundo outros, dois terços do peso do corpo humano é constituído por água, a qual varia de quantidade em função do tecido em que se encontre incorporada. Podemos mencionar: ossos 22 %; músculos 75 %; fígado 63 %; rins, 82 %.

Calcula-se que necessitamos beber diàriamente, quando em estado e actividade normais, litro e meio de água e, em actividade física ou em tempo muito quente, quantidades muito superiores àquela.

Perdemo-la na evaporação do suor, segregado pelas glândulas sudoríparas através a epiderme, a qual contribui para regular a temperatura do corpo; na micção de, em média diária, 1 litro e meio de urina, com o propósito de manter a composição salina normal no sangue; na actividade respiratória pelos pulmões e, ainda, com as fezes.

Além das importantíssimas funções já enumeradas, ela concorre ainda para dissolver os alimentos e é o mais considerável constituinte químico dos tecidos, não havendo célula onde não abunde nem secreção glandular em que não se encontre largamente representada.

As proteínas são insubstituíveis no crescimento dos corpos. A própria substância do protoplasma das células (matéria viva já estendida) é principalmente constituída por elas. Também substituem as gorduras, embora não seja essa a sua função.

O nome de proteína deriva do grego. Pelo significado na origem, «o que é de primeira importância» fica-se calculando o seu valor na vida animal.

São proteínas puras a gelatina e a clara do ovo, e possuem-nas com maior riqueza, a carne, o peixe, ovos, leite, queijo, manteiga, nozes e sementes vegetais (feijão, ervilhas, grão, lentilhas, etc.).

Os hidratos de carbono mais simples, derivam da glicose ou açúcar de uva. Os açúcares contidos nos frutos, leite, malte e amido (das batatas por exemplo) só estão aptos para a nutrição do homem depois de transformados em glicose, durante a digestão.

As gorduras são as mais poderosas fontes de energia. Fornecem-nos mais do dobro de calorias que os hidratos de carbono. Contudo, cada um daqueles produtos tem a sua aplicação característica. Assim, os habitantes dos países de clima muito frio, obtêm maior energia alimentando-se com os primeiros, ao passo que os de clima temperado o fazem com os segundos.

São especialmente os nervos e o cérebro que mais beneficiam na sua estrutura e funcionamento, com as gorduras. Devemos-lhes a conservação do calor do nosso corpo. Além de outras propriedades já referidas, a que se localiza sob a pele retarda a perda de calor do nosso corpo.

A sua digestão é difícil e nela actua especialmente um órgão tão importante e complexo na acção, quanto delicado — o fígado.

Os produtos mais ricos em gorduras são o leite e seus derivados. Também existe nalgumas carnes e peixes, nozes, legumes, etc.

Como dissémos, a digestão efectua se no aparelho digestivo, o qual consiste numa sequência de tubos, através os quais, à medida que neles progridem, os alimentos vão sofrendo as modificações necessárias a poderem ser assimilados. Estas modificações resultam, além de outros factores, da acção de substâncias produzidas por glândulas diversas, localizadas dentro e fora do referido tubo.

Tentemos agora demonstrar as várias fases do processo digestivo, para o qual empregaremos a experiência clássica do bocado de pão.

Introduzido o alimento na boca, este sofre nela duas acções complementares: a primeira de natureza mecânica, é efectuada pelos dentes, os quais o dividem em pequeníssimos fragmentos, de molde a permitir que a saliva o embeba profundamente, tornando-o viscoso e escorregadio para poder passar fàcilmente ao estômago através o esófago; na segunda, a acção da saliva já se manifesta quimicamente, visto que inicia o processo digestivo pela actuação de um dos elementos que a constituem, a ptialina.

A saliva é segregada por três pares de glândulas: as parótidas, as submaxilares e sublinguais, além de outras mais pequenas existentes na mucosa lateral da boca e por baixo da língua. É constituída por sal, proteína, ptialina e mucina, elemento este que a torna viscosa. O poder de produção destas glândulas, chega a atingir no homem o décuplo do peso delas.

O paladar, a sensibilidade da mucosa bucal e dos dentes, o olfacto e a simples vista dos alimentos, tudo constitui excitantes poderosos da secreção glandular.

O bolo alimentar, ao dirigir-se da base da língua para o estômago, progride automàticamente no esófago, onde a vontade não influi, mas sim os seus movimentos ondulatórios ou peristálticos. São estes que o obrigam a deslizar, visto manifestarem-se ao mínimo contacto com qualquer corpo. Daí os escrúpulos a observar ao introduzir qualquer objecto na boca, pois o poder de deglutição é tão poderoso que até em posição de pino (apoio do corpo sobre as mãos, de cabeça para baixo e pernas no sentido vertical, mas ao alto), se engole tudo velozmente.

Chegado ao estômago, órgão com a capacidade de um litro e meio aproximadamente, o bolo alimentar sofre a acção imediata do suco gástrico, enzima segregado por milhares de glândulas existentes internamente nas suas paredes, e, passados pouco mais de cinco minutos, a de movimentos lentos que ele inicia no sentido do piloro.

Pela dupla acção apontada dos sucos e movimentos, ao cabo de uma hora aproximadamente, o bolo transforma-se em quimo, pasta mole, bem amassada e ligeiramente ácida.

Só depois do quimo estar completamente elaborado, e não obstante a pressão sempre crescente que ele exerce sobre o piloro motivada pelo aumento constante das contracções do estômago, é que o anel muscular daquela região, se contrai e permite o lançamento sucessivo de pequenos jactos de alimento para o intestino delgado.

Analisando o que fica escrito, torna-se visível que a boa digestão depende mais da mastigação lenta que pròpriamente da qualidade dos alimentos e também da ingestão de água se fazer antes das refeições e não durante elas, visto que os líquidos tomados com o estômago vazio não permanecem nele mais de dois ou três minutos, ao passo que sobre as refeições

(Conclui na página seguinte)

O CORPO HUMANO

(*Conclusão da página anterior*)

ou durante elas, altera profundamente a constituição do quimo, pelo que atrasa a sua passagem ao duodeno.

O intestino delgado liga o piloro ao intestino grosso, mede aproximadamente 6 m. e é uniforme na sua estrutura. Contudo a sua acção fisiológica difere, visto que na primeira metade conclui-se o processo digestivo e na segunda efectua-se a assimilação dos alimentos através o sangue.

Um canal que desemboca no duodeno, lança neste a bílis e o suco pancreático, produto segregado por duas glândulas importantíssimas denominadas respectivamente fígado e pâncreas.

Estes sucos, além de actuarem especialmente na digestão das gorduras reforçam sobremodo a acção digestiva dos enzimas produzidos pelas inúmeras glândulas que revestem esta parte do intestino, onde o processo digestivo é muito mais activo que no estômago.

Aqui a digestão efectua-se como no estômago, por movimentos musculares tendentes a facilitar a mistura íntima dos alimentos com os sucos intestinais de vária ordem.

Em consequência, a progressão do alimento pelos 6 m. de intestino delgado, demora aproximadamente três horas, tempo este em que o quimo se encontra em contacto demorado com multidão de pequeníssimas saliências implantadas na parte interna do referido tubo. Estas saliências ou vilosidades encontram-se sempre em movimentos vibratórios captando os alimentos digeridos, os quais, atravessando-as, passam ao sangue, que interiormente, as irrigam.

Todas as matérias não aproveitadas pela assimilação, são transportadas durante quase 12 horas para o exterior pelo intestino grosso que termina no ânus e mede aproximadamente metro e meio.

CORRIGENDA

Pedimos desculpa aos nossos estimados leitores e ao nosso dedicado colaborador por lapsos havidos na matéria publicada no último número. Assim a figura n.º 2, respeitante ao pé, encontra-se invertida, deve ser vista ao contrário A figura 5, respeitante às vértebras, devem ser vistas na posição horizontal e não ao alto como se encontram.

A última palavra do primeiro período da alínea b) «O tecido» deve ler-se matriz e não motriz como lá se encontra.

ACIDENTES

14) *Saber como proceder perante os seguintes casos: Incêndio, Electrocussão, Rotura da canalização de água e gás, Asfixia.*

pelo Ex-Chefe ANTÓNIO DE MIRA CALHAU
Químico e Instrutor de D. C. T.

INCÊNDIO

GENERALIDADES SOBRE O FOGO

Designa-se por fogo a produção de calor, luz e a transformação do corpo que se queima, noutros corpos, geralmente com grande desenvolvimento de produtos gasosos. Para haver fogo é indispensável:

—que haja combustível (substância ou substâncias que ardem);

—que haja oxigénio, geralmente em forma de ar (substância designada por comburente destinada a alimentar a combustão);

—que seja atingida e mantida uma certa temperatura, chamada temperatura de combustão, que é finalmente a temperatura à qual as substâncias ardem.

Se, para a existência do fogo, são indispensáveis três factores—combustível, oxigénio e temperatura de combustão —para a extinção de qualquer foco de incêndio é de igual forma indispensável o desaparecimento de um ou mais desses factores, o que se consegue:

—por carência ou limitação do combustível;
—por asfixia ou limitação do oxigénio;
—por arrefecimento ou limitação da temperatura.

A carência ou limitação do combustível, consegue-se:

—pela retirada do combustível do alcance do fogo;
—pela retirada do fogo de junto do combustível;
—pela compartimentação do fogo, criando assim focos mais pequenos que podem ser extintos mais fàcilmente ou mesmo abandonados a si próprios.

A asfixia ou limitação do oxigénio obtém-se fundamentalmente por:

—falta de oxigénio. (ar). —

O fogo é encerrado em espaço fechado ou coberto com um corpo que lhe impeça o contacto com o ar. É neste sentido que actua a espuma, a neve carbónica, o tetracloreto de carbono, o brometo de metilo, o pó, a areia seca, etc.

O sistema utilizado na extinção de fogos em poços de petróleo pelo sopro de explosões de dinamite funda-se na asfixia, por excesso de oxigénio.

O arrefecimento ou limitação de temperatura tem por fim lançar sobre o fogo, água ou outros líquidos próprios, para absorção do calor por ele desenvolvido. A água em finas gotas (atomizada), pela grande quantidade de calor que absorve, em relação à água em jacto e a outras substâncias extintoras e pela dificuldade que cria à renovação do ar pelo fogo, está sendo utilizada com óptimos resultados. Por outro lado, o consumo de água nestas condições é relativamente pequeno, dispensando assim, a existência de mananciais potentes. Também os prejuízos causados pela acção extintora, neste caso, são diminutos, o que é de alto valor.

Durante as operações de extinção há que ter cuidados especiais com a electricidade e com o gás de iluminação, nunca, se possível, o ataque deve ser iniciado sem que primeiramente, seja interrompido o respectivo abastecimento ao edifício.

Também a abertura de portas das casas onde se tenha manifestado incêndio não deve ser realizada antes de estabelecidos os meios ofensivos, nem tão pouco com pessoas em frente dessas portas, para precaver contra os efeitos da expansão súbita dos gases, no ca o de ter lugar uma explosão pela chegada do ar fresco, necessário à formação da mistura explosiva no interior dessas casas.

Nos fogos em recintos pouco arejados há que ter em conta a acção do óxido de carbono, que sendo um gás insípido, inodoro e incolor, despercebidamente se fixa no sangue provocando a morte rápida por asfixia. As pessoas levemente intoxicadas pelo óxido de carbono devem ser colocadas imediatamente ao ar livre e submetidas à respiração artificial. As dependências devem ser prontamente arejadas e a entrada nelas só deve ter lugar com o auxílio de aparelhos de protecção anti-gás de circuito fechado ou de tomada de ar a distância.

Substâncias extintoras

Os agentes usados na extinção de incêndios podem ser agrupados como se segue:

a) — Água;
b) — Espuma;
c) — Líquidos voláteis;
d) — Gases;
e) — Pós.

a) — *Água* — Embora o vapor possa actuar um pouco por asfixia, a água actua sobretudo *por arrefecimento*, sendo o calor absorvido pelo aquecimento da água e pela sua vaporização.

A água pode ser aplicada em jacto ou pulverizada (nevoeiro), sendo esta última forma muito mais eficaz, pois grande parte da água empregada passa da temperatura normal ao ponto de vaporização, que dá origem a grande absorção do calor e daí um grande arrefecimento dos produtos em combustão.

A água é *contra indicada* para empregar sobre metais leves (sódio, alumínio, magnésio) e sobre instalações eléctricas, por ser boa condutora da electricidade.

Também *não deve ser empregada* em fogos de líquidos combustíveis pela tendência de espalhar o fogo sem o extinguir.

A água a altas pressões, finalmente pulverizada (nevoeiro) tem as seguintes vantagens:

—Favorece a vaporização, aumentando portanto o seu poder extintor;

—Quando lançada sobre líquidos inflamáveis, emulsiona a superfície destes, dando-se a extinção por carência (divisão do combustível em partículas);

—Os inconvenientes da sua condutibilidade são atenuados.

b)—*Espuma*—A espuma cobre os corpos incendiados com uma camada que impede o acesso do ar (asfixia) e é constituida por bolhas de gás emulsionado com água. A espuma é obtida dissolvendo em água substâncias que reagindo produzem um gás (anidrido carbónico), sendo as bolhas desse gás estabilizadas por um produto apropriado.

Vantagens:

—É muito aderente, pelo que tem uma acção duradora;
—Insolúvel na maioria dos líquidos combustíveis;
—Grande leveza, flutuando nesses líquidos.

Inconvenientes:

—É condutora da electricidade;
—Pode danificar os objectos sobre que incide.

Quando se usa a espuma sobre líquidos inflamados, o jacto deve ser dirigido contra as paredes do recipiente, para depois escorrer sobre os líquidos.

(*Continua no próximo número*)